



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 10/01/2020

CHINA	2
COMO INICIÓ SOBRE EE.UU. LA DEMANDA CHINA	2
MERCADO EN TUBULENCIA GENERA FRICCIONES ENTRE LOS OPERADORES	2
CHINA: CRECE EL STOCK DE CERDAS PERO PERSISTEN LOS RIESGOS DE LA FIEBRE PORCINA	4
CHINA SACA MÁS CARNE DE CERDO CONGELADA PARA BAJAR LOS PRECIOS EN SU MERCADO	4
BRASIL	5
MERCADO MÁS FIRME CON ESCASA ACTIVIDAD	5
AUMENTO DE LA CARNE INICIÓ SOBRE EL ÍNDICE DE PRECIOS AL PRODUCTOR	5
BRASIL: RÉCORD HISTÓRICO DE EXPORTACIONES DE CARNE VACUNA EN 2019	5
EMIRATOS DUPLICARON SUS IMPORTACIONES DE CARNES BOVINAS DESDE BRASIL	7
TENSIÓN ENTRE EE.UU E IRAN PREOCUPAN A EXPORTADORES BRASILEÑOS	7
INCENDIOS EN AUSTRALIA FAVORECERÍAN LAS EXPORTACIONES DE CARNE DE BRASIL	9
NORMAN RESÍDUOS DE MEDICAMENTOS EN PRODUCTOS DE ORIGEN ANIMAL	9
URUGUAY	9
PRODUCTORES PREFIEREN “NO VENDER GANADO GORDO” A LOS VALORES ACTUALES	9
EN DICIEMBRE SE EXPORTÓ EL MAYOR VOLUMEN DE CARNE VACUNA DESDE MAYO	10
TODAVÍA NO IMPACTA LA BAJA PROPUESTA POR CHINA: PRECIO DE EXPORTACIÓN ESTUVO ARRIBA DE US\$ 4.600 ..	10
FAENA ANUAL BAJÓ 4,8%, PERO CRECIÓ LA CONCENTRACIÓN DE LA ACTIVIDAD	10
FRIGORÍFICOS PERDERÍAN DECENAS DE MILLONES DE DÓLARES POR CAMBIOS EN CHINA	11
CASTIGLIONI: “LA ABRUPTA CAÍDA DE PRECIOS DE LA CARNE EN CHINA ES HISTÓRICA”	11
“LA EXPORTACIÓN DE GANADO EN PIE PUSO EN JAQUE A LA INDUSTRIA”, DIJO CEO DE ATHENA FOODS	12
IMPORTACIONES DE CARNE VACUNA SE DUPLICARON EN 2019	12
PRECIO DE CARNE IMPORTADA EN EL ABASTO SE ESTABILIZA	12
PARAGUAY	13
PRECIO DE LA CARNE CAYÓ 1,6%	13
BRASIL FUE EL MERCADO QUE MÁS PAGÓ POR LA CARNE VACUNA PARAGUAYA	13
FAENA SE REDUJO UN 5 POR CIENTO	13
PRONOSTICAN MEJOR AÑO PARA ENVÍOS DE CARNE	14
PRETENDEN VACUNAR UNOS 14 MILLONES DE BOVINOS	14
UNIÓN EUROPEA	15
EN OCTUBRE DE 2019 LA UE TRIPLOCÓ SUS EXPORTACIONES DE CARNE DE CERDO A CHINA	15
EL GOBIERNO HOLANDEÑO INSPECCIONARÁ LAS EMPRESAS DE TRABAJO TEMPORAL QUE OFRECEN SUS SERVICIOS A LAS INDUSTRIAS CÁRNICAS	15
ESTADOS UNIDOS	15
MENOR RITMO EXPORTADOR EN DICIEMBRE DE 2019	15
FLAQUEAN LOS MÁRGENES DEL SECTOR FRIGORÍFICO	16
AUSTRALIA	16
MLA OFRECE INFORMACIÓN Y SERVICIOS PARA LOS PRODUCTORES GANADEROS ANTE LOS INCENDIOS	16
EL 9% DEL RODEO VACUNO AUSTRALIANO SE UBICA EN REGIONES AFECTADAS POR LOS INCENDIOS	17
CHINA SUPERÓ A JAPÓN Y ESTADOS UNIDOS COMO PRIMER DESTINO DE LAS EXPORTACIONES DE CARNES BOVINAS	17
EMPRESARIAS	18
PESTE PORCINA FAVORECIÓ CRECIMIENTO DE FACTURACIÓN DE GRUPO CARGILL	18
McDONALD'S LANZÓ EN BRASIL LA PICANHA CLUBHOUSE	18
MARFRIG PREPARA LANZAMIENTO DE CARNE DE CERDO VEGETAL EN BRASIL	18
WESLEY BATISTA HIJO PRESIDIRÁ SEARA	19
ATHENA FOODS REGISTRÓ PERDIDAS POR US\$ 20 MILLONES	19



CHINA

Como inició sobre EE.UU. la demanda china

03 January 2020 US - USDA maintains a very good library of production and trade data for major countries and it is sometimes worth looking back and recognize how much the world beef trade changed in the past decade, writes Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

As we have noted before in this report, the most significant trade shift has been the rise of China as the biggest beef buyer in the world. That shift started well before the spread of African Swine Fever in that country but it has accelerated since 2018.

In November, Chinese imports of fresh/frozen beef were 185,991 MT, some 81,713 MT or 78 percent higher than the previous year. This volume is on a product weight basis so just converting to pounds and comparing to reported US production would not be exactly apples to apples.

What should the conversion rate be? We really do not know but USDA-FAS uses a conversion rate of 1.4 for the 0201 and 0202 HS codes (beef & veal). If we use the same conversion, then Chinese beef imports in November were about 574 million pounds on a carcass weight basis, with the y/y increase representing a 252 million pound gain from the same period a year ago.

Compare this to total US commercial beef production in November at 2.297 billion pounds (carcass wt.). For a long time, the United States, Japan, South Korea and to a lesser extent Russia were the biggest buyers of beef in the world market.

Back in 2000, Japan beef imports were about 2.3 billion pounds (cwe), US beef imports were about 3 billion pounds and Russia was buying about 937 million pounds. China imports at the time were about 35 million pounds, an insignificant amount.

By 2010, US imports had declined to about 2.3 billion, Japan was at 1.6 billion and China was still at just 88 million. In 2019, China beef imports are projected at over 5 billion pounds compared to 1.9 billion for Japan, 1.4 billion for South Korea, 3 billion for the US and 970 million for Russia.

How much have US producers benefited from this dramatic increase in China beef demand? So far the direct impact has been minimal although there have been indirect effects. What we mean by indirect effect is the value derived when prices for imported beef are higher than they would normally be, resulting in higher prices for domestic product.

Case in point is the price of 90CL domestic cow meat, which is about 30 cents higher than it would normally be thanks to the lack of imported volume. Also, as China sucks more beef out of the global supply, US beef also benefits. Rising tide and all that.

But so far this year the US share of Chinese beef purchases has been a meagre 0.5 percent. The Chinese requirement that all imported beef be hormone free certainly is a factor and US beef faced a higher tariff (37 percent) than other countries (12 percent). But it is also important to note that US beef is far more expensive than beef in other markets.

The top chart below shows that the average price of fed cattle in the US in November (was US\$255.3 per 100 kg (about \$116/100 lb.). In the average live weight steer price in Argentina in November was quoted at US\$124 per 100 kg or \$39 per 100 lb.. China beef imports from Argentina in November were about 102 million pounds (cwe) and 727 million YTD, accounting for 23 percent of overall imports.

China currently represents over 70 percent of total Argentine beef imports. The new trade agreement between US and China should be signed in mid January, maybe opening the door for more China beef purchases. But before doing a straight transfer of China purchases to the US, some perspective of relative values is helpful.

Mercado en turbulencia genera fricciones entre los operadores

Relatórios de compradores chineses que renunciaram a contratos de carne bovina e outras proteínas importadas surgiram esta semana, à medida que os preços da carne importada no país continuam em queda.

Depois de subir drasticamente ao longo de um período de quatro semanas a partir do final de outubro, os preços da carne bovina importada para a China caíram de forma igualmente alarmante nas últimas semanas.

Os eventos da quinzena passada são indiscutivelmente os mais dramáticos no comércio internacional de carne bovina da Austrália, visto desde o colapso do mercado de carne bovina da Rússia em 2008, quando dezenas de clientes russos abandonaram os contratos, deixando contêineres australianos em cais russos e levando alguns exportadores da Austrália a quebrarem.

O impacto mais recente do mercado na China está sendo observado em todas as proteínas importadas, incluindo carne de carneiro, cordeiro e porco, além de carne bovina.

Mudança de preço



Embora a indústria ainda não tenha acesso a um preço indicativo público confiável no comércio de carne bovina na China, o mercado importado dos EUA 90CL atua como proxy dos preços da China, pois ambos os clientes competem pelo mesmo produto.

À medida que o ímpeto comercial da China alcançou níveis recordes durante o final do semestre, alimentado pelo surto de peste suína africana em suínos domésticos e subsequente déficit maciço de proteínas, o indicador importado 90CL subiu dramaticamente a partir de meados de outubro, atingindo um A972,5c (668,74 centavos de dólar)/ kg sem precedentes CIF em 21 de novembro. Isso representa um aumento de mais de 200c (137,53 centavos de dólar) / kg ou 27pc em apenas quatro semanas. Desde então, porém, o mercado caiu como uma pedra, destruindo muitos desses ganhos em um período ainda mais curto.

Fontes do comércio de exportação disseram que foram observadas quedas de preços de 20 a 25% em alguns cortes e itens na China, durante um período alarmante curto.

Outros países exportadores que atendem à China estão enfrentando a mesma pressão, se não pior. Os cinco cortes traseiros brasileiros que estavam sendo negociados há algumas semanas a US750c / kg foram renegociados esta semana em US580-590c / kg, representando uma queda de quase US \$ 2 / kg. Os sete cortes de dianteiro que haviam sido contratados a US \$ 680 c / kg estavam sendo renegociados a US500-520 c / kg.

Uma fonte sugeriu que havia 100.000 toneladas de carne bovina da América do Sul já vendidas na água para a China, que estavam agora em risco, ou pelo menos expostas a severas renegociações de preços.

Mercado imaturo

A visão comum entre as fontes comerciais mencionadas nesta semana foi que o desenvolvimento mais recente é uma evidência clara de que a China continua sendo um "mercado muito imaturo e de maior risco" para a carne bovina australiana.

É sabido que um dos maiores processadores de exportação da Austrália possui uma estratégia de gerenciamento de riscos há alguns anos, evitando seletivamente o comércio na China sempre que possível, para tentar evitar tais incidentes. Em última análise, porém, o tamanho e a dinâmica do comércio na China obrigaram a empresa a aumentar sua exposição na China este ano.

Intervenção governamental

Outro contato comercial regular disse que houve "um grande número" de empresas exportadoras da América do Sul que foram forçadas a renegociar preços em remessas para a China recentemente, que caíram drasticamente em valor desde o envio. No caso de uma empresa brasileira, algumas centenas de contêineres estavam envolvidos.

"O recente pico do mercado, que viu os preços da carne importada na China subirem pelo menos 20% praticamente durante a noite há um mês, deixou ao governo chinês 'pouca escolha' do que abrir estoques de produtos vinculados pelo governo para aliviar a pressão dos preços no varejo, " ele disse.

Exportadores sul-americanos inundaram o mercado da China recentemente, com o Brasil exportando mais de 80.000 toneladas por mês para o país em outubro e novembro.

"Certamente o mercado chinês está tendo uma grande oscilação – talvez isso tenha acontecido, dada a rapidez e a alta dos preços no mês passado – mas não é divertido para ninguém envolvido no comércio no momento", disse o contato comercial.

"Isso é especialmente verdade quando há intervenção do governo (chinês) no mercado. O exportador australiano fez tudo certo, conseguiu o depósito, vendeu o produto e o cliente ficou segurando a lata. Isso cria um mercado muito instável. "

Perguntado sobre o que estava acontecendo com o produto expedido anteriormente, onde os preços haviam mudado e o cliente não queria mais receber esse preço, uma fonte comercial disse que parte disso seria mantida em caução no porto, mas 'todos os tipos de outros cenários 'poderia emergir.

Embora os exportadores australianos ainda não sejam tão impactados quanto os da América do Sul, o Beef Central pode confirmar que alguns exportadores australianos foram forçados a renegociar os preços de remessas anteriores nesta semana. Carne de carneiro e cordeiro também foram afetados.

Um exportador disse que, no caso de sua empresa, os pagamentos da China ainda estavam sendo feitos, mas se tornaram cada vez mais lentos este mês. "Parece um pouco assustador no momento, dado o que aconteceu", disse ele.

Ele sugeriu que o mercado na China atingia pelo menos 950 c / kg (FOB, equivalente a US \$) na carne bovina 90CL no final de novembro e agora estava na faixa dos 800 c.

Outro exportador disse à Beef Central nesta manhã que havia visto ofertas de US \$ 240 c / lb da China hoje na guarnição 90CL, produto vendido por 310 c há apenas duas semanas

"Desceu tão rápido quanto subiu e agora perdeu 20-25pc pelo menos em muitos itens, em apenas algumas semanas", disse ele.

"Não poderia ter acontecido em um momento pior", disse ele. "Com a aproximação do Ano Novo Chinês, os portos estão cheios, e todos estão correndo para barcos, e o espaço é escasso. É um momento de grande estresse no momento, para todos os envolvidos no comércio da China. "



'Mal necessário'

O contato disse que eventos como esse deveriam deixar todos os comerciantes de carne mais cautelosos em fazer negócios na China, mas o fato é que o tamanho do mercado significava que agora era um "mal necessário".

"Como uma cadeia de suprimentos de carne bovina compra o gado e faz o que faz, sem a China? Eles têm o melhor preço, em muitos casos , disse ele.

Ele sugeriu que o maior impacto no preço não estava sendo observado nos cortes premium de lombo, ou em marcas especializadas como Wagyu ou Angus certificada, mas os "itens de rendimento".

O contato disse que muitos importadores chineses agora estão com pouco dinheiro, dadas as altas taxas de importação observadas em outubro e novembro, e estão começando a "despejar" grandes estoques de carne bovina da América do Sul, principalmente, para gerar fluxo de caixa.

"Como nosso suprimento não foi tão extremo, o mercado importado australiano se manteve relativamente bem – mas ainda está sendo seriamente impactado", afirmou ele.

Os contratos de vendas com clientes chineses são tipicamente escritos em depósitos de 30pc, e algumas contas surgiiram de clientes chineses abandonando seus depósitos, porque as reduções no preço da carne eram superiores a 30pc em valor.

O mesmo aconteceu na Rússia em 2008, com grandes quantidades de carne bovina australiana nas docas da Rússia, depois que o preço da carne caiu da noite para o dia. Levou meses para transferir parte do produto para mercados alternativos e com salários mais baixos – muitas vezes precisando ser congelados primeiro – e alguns outros países clientes não aceitariam.

Para alguns exportadores de todo o mundo, as opções para vender produtos no cais da China para outro lugar são muito limitadas. A Coreia não aceitará carne rotulada na China e o Japão não, dependendo da fonte.

"Isso significa que o exportador precisa descarregar e obter o desconto renegociado vendendo para a China ou trazê-lo de volta para casa, às custas dos exportadores", disse uma fonte comercial. "Não há outras opções, a preços equivalentes. Nos dias passados, produtos como esse seriam simplesmente desviados para outro mercado similar."

Um aspecto positivo dos eventos atuais foi que o produto bovino australiano continuou sendo negociado com um valor superior a outros suprimentos importados da China, devido ao seu prazo de validade, credenciais de marca e reputação geral.

"Mas esse episódio será um alerta para todos os envolvidos no comércio de exportação para a China. Quanto maior a festa, maior a ressaca ", disse o trader.

Os preços da carne bovina importada da Austrália para os EUA esta semana também parecem ter diminuído, à medida que os dramas da China se desenrolam e a pressão de compra competitiva diminui. Uma fonte sugeriu que a produção de carne bovina 95CL estava agora de volta a 850c, ou menos.

Fontes comerciais disseram que parecia haver muito pouco comércio de carne bovina ocorrendo esta semana na China, como resultado de eventos recentes, dizendo que talvez fosse uma 'coisa boa' que os processadores de exportação estavam prestes a fechar para o feriado de Natal, aproveitando algumas das pressões de fornecimento fora do mercado por algumas semanas.

China: crece el stock de cerdas pero persisten los riesgos de la fiebre porcina

09 de enero de 2020 El stock de cerdas de China subió por segundo mes consecutivo en diciembre de 2019, un incremento de 2,2% respecto al mes anterior según informó Reuters. Luego de que la epidemia de fiebre porcina africana redujera a la mitad la cantidad de cerdos.

El aumento comenzó en octubre y el stock de cerdas ha aumentado un 7% desde setiembre, dijo el miércoles el viceministro del Ministerio de Agricultura y Asuntos Rurales, Yu Kangzhen.

Tras el aumento en el rodeo de cría, las existencias de cerdos también comenzaron a aumentar en noviembre por primera vez en un año –desde el surgimiento de la peste-.

Yu dijo que el suministro de carne en el Año Nuevo chino será suficiente, en parte debido a la liberación de carne de cerdo congelada de las reservas estatales en las últimas semanas.

China también ha estado impulsando la producción de otras carnes para ayudar a cubrir cualquier déficit.

La producción de carne de aves de corral aumentó en aproximadamente 3 millones de toneladas, o alrededor del 15%, en 2019.

Si bien la cantidad de brotes confirmados ha disminuido, el virus se ha extendido por todo el país y la posibilidad de brotes nuevos aumentaría con el creciente número de cerdos y el clima más frío que congela el agua y hace que el lavado y la desinfección sean más desafiantes.

China saca más carne de cerdo congelada para bajar los precios en su mercado

09/01/2020 - Anunció la colocación en el mercado de 20.000 toneladas.



China anunció la venta de 20.000 toneladas de carne de cerdo congeladas que forman parte de sus reservas estratégicas y que vendrán a sumarse a las 30.000 toneladas que anunció poner a la venta el pasado 3 de enero, según dijo el Centro de Gestión de Reservas de Mercancías de China.

El portal Eurocarne publicó que la medida de poner en el mercado carne congelada viene siendo practicada por el gobierno desde septiembre de 2019 y acumula ya unas 170.000 toneladas en 7 lotes puestos a la venta entre septiembre y diciembre pasado.

A fines de 2019, el precio promedio de la carne de cerdo a nivel mayorista en Estados Unidos se situaba cerca de US\$ 6 por kilo, un 18,15% más bajo que a comienzos de noviembre pasado cuando estaba a US\$ 7,5/kg.

Otra de las medidas ha sido la reducción de los aranceles a la importación de carne de cerdo que pasará al 8% frente al 12% a partir de comienzos de 2020.

En noviembre del año pasado, China importó 644.000 toneladas de carne, un aumento del 82% sobre noviembre de 2018. De esta cifra, 230.000 toneladas fueron carne de cerdo, 151,2% más que en 2018, de acuerdo con los datos de la Administración General de Aduanas.

La peste porcina africana continúa haciendo estragos en Asia y Europa y la carne de cerdo continúa encareciéndose en el mundo.

BRASIL

Mercado más firme con escasa actividad

Sexta-feira, 10 de janeiro de 2020 - Na praça paulista, o mercado do boi gordo está firme, com oferta restrita e menor necessidade de compra de gado por parte dos frigoríficos.

A diminuição no ritmo de negócios observada na reta final de 2019 ainda não foi revertida e a toada é de lentidão.

A escala de abate das indústrias paulistas está homogênea e atende, em média, quatro dias.

Do lado do mercado externo, o horizonte das exportações de carne bovina não está muito claro, pois alguns importadores chineses têm diminuído a antecipação das compras.

No mercado interno, mesmo diante de um cenário de oferta equilibrada, o escoamento fraco pressionou os preços da carcaça bovina. O boi casado de animais castrados ficou cotado em R\$12,79/kg na última quinta-feira (9/1), queda de 5,0% desde o início deste ano.

Aumento de la carne inició sobre el índice de precios al productor

PORTAL DBO 08/01/2020 Dados do IBGE, divulgados hoje, mostram que na porta das fábricas a proteína também pesa na conta

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou hoje 8/1, o que o mercado já sentiu na prática, nos últimos meses de 2019. De acordo com a instituição, os preços da indústria registraram alta de 0,91% em novembro, na comparação com o mês anterior, de acordo com o Índice de Preços ao Produtor (IPP). Em outubro, o aumento foi de 0,60%, acompanhado a subida de preços de agosto e setembro. O resultado de novembro foi pressionado pelo setor de alimentos, principalmente, as carnes bovinas, suínas e as aves, além da indústria extrativa.

O IPP mede a oscilação dos preços dos produtos na “porta das fábricas”, sem impostos e frete, da indústria extrativa e de 23 setores da indústria de transformação, como alimentos, perfumaria e produtos de limpeza, produtos químicos, entre outros. Com o resultado de novembro, a inflação da indústria acumulou alta de 4,55% no ano. Em 12 meses, a taxa até novembro foi de 2,92%, contra 0,33% no mês anterior.

“A alta nos alimentos foi a maior desde setembro de 2015 (5,47%), enquanto o abate e a fabricação de produtos de carne cresceram 7,12%”, diz Manuel Campos Souza Neto, gerente do IPP. “Houve elevação nos preços das carnes bovinas, suínas e nas aves devido ao aumento nas exportações ao longo de 2019, particularmente por conta dos problemas de abastecimento interno na China e também pela depreciação do real.” O câmbio também refletiu nos preços do açúcar. Fonte: com informações do IBGE

Brasil: récord histórico de exportaciones de carne vacuna en 2019

Abiec: exportação de carne bovina bate recorde de 1,847 mi de toneladas em 2019

As exportações totais de carne bovina, incluindo o produto in natura e processado, alcançaram o recorde de 1,847 milhão de toneladas em 2019, alta de 12,4% ante o volume embarcado em 2018, informou a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). O faturamento do ano passado também foi recorde ao atingir US\$ 7,59 bilhões, aumento de 15,5% na variação anual. Os resultados foram impulsionados por compras da China e superam as projeções da entidade em dezembro, de altas de 11,3% em volume e de 13,3% em receita em relação ao desempenho de 2018.



Afetada pelo surto de Peste Suína Africana (PSA), a China se consolidou como o principal destino de exportação da proteína bovina do Brasil, respondendo por 26,7% do total embarcado pelo país. Em 2019, o envio para o mercado chinês somou 494.078 toneladas, crescimento de 53,2% na comparação com 2018. Em receita, o avanço foi de 80%, para US\$ 2,67 bilhões.

Na última quinta-feira, 2, a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia informou que os embarques de carne bovina in natura totalizaram nos 12 meses 1,521 milhão de toneladas embarcadas, 12,5% acima do total de 1,351 milhão de toneladas de 2018. A receita foi de US\$ 6,362 bilhões, 8,5% maior que a de 2018, de US\$ 5,861 bilhões.

A expectativa da Abiec é de que o ritmo de crescimento de vendas se mantenha em 2020, puxado pela possível habilitação de novas plantas para a China e pela abertura de novos mercados, conforme projeção divulgada em dezembro. Neste ano, a entidade espera que os volumes exportados cresçam 13%, alcançando 2,067 milhões de toneladas. Em relação ao faturamento, a perspectiva é de um crescimento 15%, com receita de US\$ 8,5 bilhões.

Impulsionada pela demanda chinesa, as exportações brasileiras de carnes bovinas fecharam 2019 com novo recorde de volume e faturamento. Os volumes embarcados alcançaram 1,847 milhão de toneladas e a receita US\$ 7,59 bilhões. Os números representam um crescimento de 12,4% e 15,5%, respectivamente, em relação a 2018, superando as projeções realizadas e consolidando o ritmo de crescimento das vendas brasileiras.

Os bons resultados obtidos em 2019 estão relacionados diretamente ao aumento das vendas em mercados já consolidados, a exemplo de China, Emirados Árabes e Rússia, o que demonstra não só o reconhecimento da qualidade da carne brasileira, mas também a confiança nos padrões de produção nacionais. “Os números demonstram o quanto a carne brasileira é bem aceita e tem boa competitividade no exterior”, destaca o presidente da Abiec, Antonio Jorge Camardelli.

PRINCIPAIS IMPORTADORES

Os resultados positivos foram puxados principalmente pelo crescimento da demanda chinesa, que em 2019 se consolidou como o principal destino da carne brasileira, respondendo por 26,7% do total exportado pelo país. Em 2019, as exportações para a China somaram 494.078 toneladas, crescimento de 53,2% ante 2018. Em receita, o crescimento foi de 80%, com um total de US\$ 2,67 bilhões.

Exportações de carne bovina do Brasil em 2019 – principais mercados

Country	Volume 2018	Volume 2019
China	322.415	494.078
Hong Kong	394.856	342.874
União Européia	118.318	106.206
Egito	180.812	163.644
Chile	114.959	108.615
Estados Unidos	32.404	38.556
Emirados Árabes Unidos	36.821	71.397
Rússia	7.505	69.127
Irã	84.045	63.257
Arábia Saudita	42.548	42.120
Israel	18.479	26.543
Filipinas	27.264	34.664
Uruguai	14.010	28.357
Turquia	7.132	28.094
Cingapura	18.300	20.825
Líbano	18.858	17.289
Jordânia	18.548	18.971
Argélia	15.944	16.429
Angola	12.098	12.581
Argentina	14.096	10.709

Fonte: Ministério da Economia / Secex / Abiec



RESUMO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA EM 2019

- FATURAMENTO: US\$ 7.593.932
- TOTAL DE TONELADAS: 1.847.519
- PRINCIPAIS IMPORTADORES: CHINA, HONG KONG, UNIÃO EUROPEIA E EGITO

Fonte: Abiec.

EMIRATOS duplicaron sus importaciones de carnes bovinas desde BRASIL

Fonte: Agência de Notícias Brasil-Árabe. This post was last modified on 8 de janeiro de 2020 12:33

O Brasil registrou recorde nas exportações de carne bovina no volume e faturamento em 2019. Foram 1.847 milhão de toneladas embarcadas, crescimento de 12,4% em relação a 2018. Já a receita cresceu 15,5%, para US\$ 7,59 bilhões. Os dados foram divulgados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec).

Ao longo de 2019, a China alavancou os embarques e assumiu a liderança das compras. A demanda chinesa em 2019 respondeu por 26,7% do total exportado pelo País. As exportações para o destino somaram 494.078 toneladas, crescimento de 53,2% ante 2018. Em receita, o crescimento foi de 80%, com um total de US\$ 2,67 bilhões.

Mas o país asiático não foi o único mercado a se destacar. Os Emirados Árabes Unidos importaram 71.397 toneladas de carne bovina do Brasil em 2019. O número é 93% maior do que o volume comprado em 2018. "Os números demonstram o quanto a carne brasileira é bem aceita e tem boa competitividade no exterior", destacou o presidente da Abiec, Antonio Jorge Camardelli, em nota.

Já o Egito, principal comprador árabe e terceiro maior mercado do produto brasileiro, comprou menos. Em 2019 foram 163.643 toneladas, queda de 9,4% em relação a 2018. As receitas recuaram 9%, totalizando US\$478,46 milhões. Em dezembro, o presidente da Abiec, Antônio Camardelli, afirmou à ANBA que a queda de envios ao Egito era em parte devida à habilitação de novos frigoríficos para exportar à China.

Outro importante comprador da região, a Arábia Saudita, manteve volume mais estável. O país comprou 42.547 toneladas em 2018 e ficou em 42.119 em 2019. A receita fechou 2019 com queda de 9% em relação a 2018, somando US\$142,27 milhões.

O bloco dos países árabes recebeu 390.183,26 toneladas do produto do Brasil em 2019. Os embarques para o grupo no período geraram uma receita de US\$1.17 bilhão.

Tensión entre EE.UU e IRAN preocupan a exportadores brasileños

This post was last modified on 8 de janeiro de 2020 A tensão entre Estados Unidos e Irã ligou o sinal de alerta do setor agropecuário brasileiro, que vendeu mais de US\$ 2,2 bilhões em produtos ao país do Oriente Médio em 2019. A relação comercial envolve a exportação, pelo Brasil, principalmente de grãos, carnes e açúcar, e a importação de ureia, utilizada para a fabricação de fertilizantes. Autoridades de Brasília e entidades privadas acompanham a situação para medir possíveis impactos na agenda internacional.

Ao lado do Japão, o Irã é o principal comprador de milho do Brasil. Em 2019, segundo dados da Secretaria de comércio Exterior (Secex), absorveu 14% dos embarques do cereal, que foi o principal produto da pauta exportadora brasileira para aquele país – cerca de 44% das vendas totais aos iranianos no ano passado. De janeiro a novembro, foram 5,4 milhões de toneladas, ou quase US\$ 1 bilhão.

Segundo o diretor-executivo da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), Sérgio Mendes, a "situação preocupa". O principal temor é que, diante da provável ampliação dos embargos dos EUA ao Irã, os embarques do Brasil sejam afetados. Por enquanto, as negociações continuam normais, mas o monitoramento é constante.

"O acirramento das tensões também pode levar a uma piora na situação econômica do Irã e à diminuição das compras. Além do aprofundamento das sanções econômicas e das dificuldades logísticas de enviar as cargas até lá", diz Matheus Andrade, consultor em Comércio Exterior da MBJ Consultores Associados. Ele diz que a turbulência gerada e o posicionamento tomado pelo Brasil frente ao conflito podem atrapalhar de alguma forma a relação comercial também com países vizinhos, como o Iraque. "Mas as dificuldades só devem ocorrer em caso de um conflito de maiores proporções". A preocupação, segundo o especialista, é pela importância do Oriente Médio para as carnes do Brasil.

estadão conteúdo 08/01/2020

Atualmente, o Brasil é o maior exportador de produtos agropecuários para o Oriente Médio

O apoio do Brasil ao ataque americano que matou na semana passada no Iraque o general Qassim Suleimani, principal militar iraniano, preocupa líderes setor agropecuário brasileiro. Eles pregam uma maior cautela no campo diplomático para não atrapalhar os negócios entre o País e seus parceiros comerciais.



Hoje, o Brasil é o maior exportador de produtos agropecuários para o Oriente Médio, gerando uma receita de cerca de US\$ 9 bilhões por ano. "O Oriente Médio é um grande parceiro do Brasil em termos de alimentação. Temos muitos interesses lá", alertou o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), Alysson Paolinelli.

Ele disse que o embargo dos EUA ao Irã que já existe prejudica os negócios, mas uma radicalização do conflito vai piorar ainda mais o cenário. "Devemos ter cautela, não temos de chamar essa briga para nós, não precisamos nos envolver. O que queremos com isso?", questionou o deputado federal Neri Geller (PP-MT), ex-ministro da Agricultura.

Para ele, o Brasil deve trabalhar pela pacificação e pela construção de mais relações comerciais no exterior lembrando que o Irã é um comprador importante de produtos como milho, soja e carne bovina do Brasil.

Exportações

De acordo com dados do Insper Agro Global, o Brasil é o maior fornecedor de alimentos para o Oriente Médio, seguido por Índia e Estados Unidos. O setor de agronegócio representa 97% das exportações brasileiras ao Irã. Em 2018, o Irã foi o quinto maior destino das exportações brasileiras do setor agrícola, após China, União Europeia, EUA e Hong Kong.

O Brasil exportou US\$ 2,258 bilhões em produtos agrícolas ao Irã e importou US\$ 39,92 milhões. Isso gerou um superávit de US\$ 2,218 bilhões no ano. Ainda em 2018, o Brasil exportou US\$ 550 milhões em produtos agrícolas para o Iraque. "O Irã comprou, no ano passado, US\$ 2,258 bilhões do Brasil. Basicamente, milho, soja e carne bovina", afirmou Marcos Jank, professor de agronegócio global do Insper e conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri). O dado coloca o país como o principal destino dos produtos brasileiros na região.

"Não deveríamos tomar partido neste momento de radicalização e conflitos. Temos de preservar nossos grandes interesses no Oriente Médio, que compra quase duas vezes mais produtos agropecuários do Brasil do que os Estados Unidos", disse o professor do Insper.

O Irã também é o maior mercado para o milho brasileiro e o quinto maior destino da carne bovina e da soja exportadas pelo Brasil, segundo dados do Ministério de Relações Exteriores.

Governo

Na sexta-feira, 3, um dia depois da morte de Suleimani, o Itamaraty divulgou uma nota em que apoiava a "luta contra o flagelo do terrorismo", condenando o ataque à Embaixada dos EUA no Iraque, que havia ocorrido dias antes e acabou por desencadear a ação que matou o general iraniano. O texto, porém, evitou criticar o ataque que matou Suleimani.

Em reação, a chancelaria do Irã convocou a encarregada de negócios do Brasil, Maria Cristina Lopes, para uma consulta, um sinal diplomático de reprovação ao texto do Itamaraty. O conteúdo da conversa desta terça-feira, 7, não foi divulgado, mas o órgão diplomático brasileiro descreveu o encontro como "cordial".

A reação inicial do presidente Jair Bolsonaro também foi de apoio aos EUA. Na segunda-feira, ele disse que Suleimani "não era general". Segundo uma fonte da ala militar do governo, após a declaração, o presidente foi orientado por auxiliares a agir com cautela em razão da sensibilidade do tema e das implicações comerciais. E parece ter entendido a mensagem.

Nesta terça, após uma reunião com militares no Ministério da Defesa, o presidente disse que não responderia a perguntas. Questionado na terça sobre o que quis dizer com a declaração do dia anterior, ele respondeu simplesmente: "Não, não, isso aí não. Próxima pergunta".

Para Bartolomeu Braz, presidente da Aprosoja Brasil, a principal preocupação com a tensão entre EUA e Irã é o aumento dos custos de produção com a alta do petróleo – e não a exportação de alimentos.

Braz disse não temer retaliações e afirmou que o País acerta em condenar o terrorismo. "O Brasil exporta alimentos para mais de 200 países, pela qualidade e pela competitividade. Então, esses fatores vão sobressair a uma palavra dita ou não. Acho que isso tende a esfriar", minimizou.

A tensão entre EUA e Irã aumentou desde a morte de Suleimani, que foi enterrado nesta terça como herói nacional. O general era uma das principais referências militares e políticas do Irã e comandante da Força Quds, um grupo de elite dentro da Guarda Revolucionária iraniana.

Navios barrados

Os cargueiros iranianos Bavand e Termeh, que trouxeram ureia ao Brasil, ficaram quase 50 dias parados no Porto de Paranaguá, no Paraná, em meados do ano passado, pois a Petrobras havia se negado a vender combustível para os navios, afirmando que a proprietária deles constava na lista de empresas sob sanções dos EUA.

Eles só conseguiram zarpar depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) ordenou que a Petrobras fornecesse combustível às embarcações. O Irã havia ameaçado cortar as importações do Brasil se os navios não fossem abastecidos e liberados.

Dias depois, outros dois cargueiros iranianos, o Delruba e o Ganj, descarregaram ureia no Porto de Imbituba, em Santa Catarina, e partiram em seguida.



Incendios en Australia favorecerían las exportaciones de carne de Brasil

Fuente: Estadão y BeefPoint 09/01/20 Los incendios que afectan a Australia pueden favorecer las exportaciones brasileñas de carne a Indonesia, así como las exportaciones de ganado en pie, según el director de Scot Consultoria, Alcides Torres. "Estos incendios son cíclicos, pero el fuego ha afectado al ganado vacuno y tiende a socavar el desempeño de Australia en el comercio internacional de carne vacuna", dijo.

Torres explicó que debido a la sequía en los últimos años, el país ya estaba perdiendo competitividad y la especulación del mercado también puede influir positivamente en las ventas en Brasil.

A su vez Australia es el principal proveedor de carne vacuna a Japón y Estados Unidos, países con los que Brasil negocia la apertura del mercado. "Sin duda una menor producción de carne en Australia puede ayudar a Brasil a conquistar estos mercados", dice el experto.

La posibilidad de aumentar los envíos de carne brasileña a Indonesia, ahora suministrada por Australia, y las exportaciones de ganado en pie, un mercado en el que Brasil también compite con australianos, aumentó las acciones de los principales frigoríficos.

A fines de agosto de 2019, el gobierno indonesio liberó las importaciones de carne de diez empacadores de carne brasileños.

Normas sobre resíduos de medicamentos en productos de origen animal

Entrou em vigor na quinta-feira (26/12) a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) 328/2019, que trata da avaliação do risco à saúde humana de medicamentos veterinários e dos métodos de análise para fins de avaliação da conformidade. Paralelamente, foi publicada a Instrução Normativa (IN) 51/2019, que estabelece a lista de limites máximos de resíduos, ingestão diária aceitável e dose de referência aguda para insumos farmacêuticos ativos de medicamentos veterinários em alimentos de origem animal.

Os medicamentos veterinários são utilizados para o tratamento, a prevenção e a promoção do crescimento de animais produtores de alimentos. Mesmo com a aplicação das boas práticas veterinárias, o uso desses medicamentos pode resultar em resíduos nos alimentos de origem animal, como carne, leite e ovos.

De acordo com a RDC, o risco à saúde humana devido ao emprego de medicamentos veterinários em animais pode ser reavaliado a qualquer tempo e, sempre que justificado, a ingestão diária aceitável (IDA), a dose de referência aguda (DRfA), quando aplicável, e o limite máximo de resíduos (LMR) podem ser alterados.

A partir da vigência da RDC 328/2019, três resoluções foram revogadas. São elas: RDC 4/2001 (regulamento técnico de glossário de termos e definições para resíduos de medicamentos veterinários); RDC 5/2001 (regulamento técnico para métodos de amostragem para programas de controle de resíduos de medicamentos veterinários em alimentos de origem animal); e RDC 53/2012 (regulamento técnico do Mercosul).

Com a aprovação desses novos regulamentos pela Diretoria Colegiada da Anvisa, foram ampliados de 24 para 658 o número de insumos farmacêuticos ativos (IFAs) com limites estabelecidos. Isso se traduz em mais proteção à saúde da população brasileira e a um ambiente de maior segurança jurídica para os setores envolvidos na produção de alimentos de origem animal, favorecendo o comércio internacional de alimentos.

URUGUAY

Productores prefieren “no vender ganado gordo” a los valores actuales

07/01/2020 - Todas las categorías están con un abanico amplio de precios.

El mercado del ganado gordo está experimentando un “momento de transición y se busca armar”, en semanas que “se hace muy difícil juntar las propuestas de las industrias con los intereses de los productores”, comentó a Rurales El País Santiago Sánchez, integrante del escritorio Victorica & Asociados.

El consignatario dijo que la operativa “no termina de tomar forma”, con varias plantas sin operar y otras retomando la actividad pero con un “lastre de ganado vendido semanas atrás”. Por tanto, “hay referencias de precios, aunque resulta complicado cerrar negocios”.

La disparidad de precios en las categorías es “enorme”, señaló Sánchez y detalló: “Por los mejores novillos se logran US\$ 3,90 a US\$ 4, mientras algunas plantas pasan bastante menos. Por vacas US\$ 3,70, con industrias que pagan por encima para productos muy pesados y entre US\$ 3,80 y US\$ 3,85 las vaquillonas”.



Sánchez dijo que el productor está en una postura, en los últimos días del 2019 y primeros del 2020, de no vender los ganados a estos valores si no es por dificultades climáticas. "A estos precios no necesita vender, hay que ver qué sucede cuando toda la industria esté operativa", cerró.

En diciembre se exportó el mayor volumen de carne vacuna desde mayo

06/01/2020 Se enviaron 29.000 toneladas peso embarque.

Las exportaciones uruguayas de carne vacuna en diciembre se acercaron a las 29.000 toneladas peso embarque, el mayor volumen exportado desde mayo del mismo año, comentó a Rurales El País Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados.

El especialista en mercados cárnicos consideró que "el crecimiento de las ventas al exterior tiene como principal argumento el aumento de la producción de carne vacuna". Y agregó: "La faena creció de forma importante en los últimos dos meses del año, respecto a octubre la actividad creció 12% en noviembre y será un número muy interesante en diciembre".

La mayor producción de carne "se trasladó a la exportación", sin embargo "no se enviaron todos los volúmenes" y tiene que ver con "los problemas de precios en China", que en las últimas semanas marcó una baja significativa y en algunos casos los importadores no respetaron los contratos.

Las exportaciones anuales de Uruguay se aproximaron a las 327.000 toneladas peso embarque, una disminución menor al 1%, más allá que la faena se contrajo un 5%. "Ese mantenimiento de las exportaciones responde a la fuerte importación de carne vacuna para el consumo interno", finalizó.

Todavía no impacta la baja propuesta por China: precio de exportación estuvo arriba de US\$ 4.600

08 de enero de 2020

Los menores valores que está pagando China por la carne vacuna aún no se ven reflejados en el precio semanal de exportación que publica semanalmente el Instituto Nacional de Carnes. En promedio la tonelada exportada entre el 29 de diciembre y 4 de enero se ubicó en US\$ 4.639, el valor semanal más alto registrado en el último año.

En las últimas 4 semanas móviles el precio promedio fue de US\$ 4.523 por tonelada.

En el acumulado anual finalmente el 2019 cerró con un precio promedio 10,6% superior al año anterior, con US\$ 3.894 por tonelada frente a US\$ 3.521 promedio por tonelada en 2018.

En carne ovina el precio promedio por tonelada se ubicó en US\$ 5.643, también el mayor valor en el último año, de acuerdo a los datos preliminares de INAC.

En el acumulado anual logró cerrar el 2019 por encima del año anterior. El valor promedio por tonelada se ubicó en US\$ 4.677 un 2,2% arriba de los US\$ 4.576 de 2018.

Faena anual bajó 4,8%, pero creció la concentración de la actividad

08/01/2020 - Las cinco principales empresas frigoríficas incrementaron el volumen de faena.

La faena de bovinos finalizó el año 2019 con 2.231.839 animales, 4,8% menos en comparación al 2018, cuando se procesaron 2.343.925 cabezas; una caída que se preveía entre los actores de la cadena desde principios del año que cerró.

Ingresaron a las plantas 1.019.501 novillos y 1.167.333 vientres, discriminados en 860.757 vacas y 306.576 vaquillonas.

La industria de mayor actividad anual fue Frigorífico Las Piedras con 188.420 reses (137.246 novillos y 50.413 vientres). En segundo lugar se ubicó Frigorífico Tacuarembó (Marfrig) con 178.888 cabezas y tercero Frigorífico BPU (NH Foods) con 178.700 animales.

Empresas. Las cinco principales empresas de la industria frigorífica continuaron concentrando un nivel creciente de faena en 2019, tendencia que se advierte desde 2016, según informó Tardáguila Agromercados.

Durante 2019 las cinco principales empresas (Marfrig, Athena Foods, Las Piedras, BPU y Pando) procesaron 64,9% de los vacunos que ingresaron a planta, 2,9% más que en 2018 y 11,0% más que en 2016. En números absolutos estas cinco empresas faenaron 26 mil animales más que en 2018, a pesar del contexto de caída de la actividad.

De acuerdo a la publicación, el principal grupo de plantas perjudicado no fueron las siguientes cinco (de la posición 6 a la 10), dado que mantuvieron su actividad casi sin cambios en la comparación anual, sino las de tamaño medio a chico.

La consultora publicó que las plantas que se ubican en los puestos 11 a 20 en el ranking de faena procesaron 13,4% de los vacunos, en tanto que en 2018 habían procesado 16,6% y en 2016, 21,1%. Entre 2016 y 2019 este grupo de 10 plantas faenó 180 mil animales menos.



Frigoríficos perderían decenas de millones de dólares por cambios en China

09/01/2020 Algunos cortes se han desvalorizado hasta en US\$ 1.500 por tonelada.

Hasta el momento no se sabe cuánto, pero por los cambios en el mercado chino las empresas frigoríficas que operan en Uruguay perderían entre US\$ 30 y US\$ 50 millones, dijeron fuentes a Rurales El País.

Desde hace algunas semanas se informó que los importadores de China no estaban respetando contratos, intentando renegociar y pasando valores bastante más bajos comparado a meses anteriores.

El broker de carnes uruguayo radicado en China, Daniel Castiglioni, comentó a Rurales El País el pasado lunes que en el país asiático “hay una abrupta caída de precios de la carne que es histórica, de hasta US\$ 1.500 por tonelada”.

Debido a las medidas que implementó el gobierno chino para bajar el valor de la carne a los consumidores, Castiglioni afirmó que “hay empresas importadoras que han perdido mucho dinero, y nos piden que los ayudemos con los contratos que están comprados caros”.

Fuentes de la industria contaron a Rurales El País que hay contenedores con proteína roja que están en viaje y otros en puertos chinos que no tienen segura una colocación.

Desde el Instituto Nacional de Carnes (INAC) se está avanzando en un análisis para estimar las pérdidas, además de comprender cómo seguirá el mercado una vez superado el año nuevo chino; para eso envió a su Gerente de Marketing.

El CEO de Athena Foods para Uruguay, Ignacio Gamio, aseguró a Rurales El País que la situación de China se vive con “terrible preocupación”, y explicó que la empresa está en un “proceso de negociación con los clientes”, sin embargo la política de la empresa es “no renegociar los envíos” pero “sí dar más plazos de pagos”.

También comentó que Athena Foods tiene “mucho stock” de producción de octubre y noviembre que “no sabemos si pueden ser embarcados en estos días”.

Por otra parte y en cuanto al precio medio de exportación a China, el CEO de Grupo Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, dijo el pasado martes a Rurales El País que “es prematuro saber si el ajuste será de un 20 o 30%”, pero prevé que “el precio promedio de exportación de enero va a ser sensiblemente más bajo” a los últimos meses del 2019.

En cuanto al impacto en el precio del ganado en el mercado local, Secco comentó que “el valor de la hacienda en Uruguay lee mucho la referencia media de exportación”.

Castiglioni: “La abrupta caída de precios de la carne en China es histórica”

06/01/2020 - El broker uruguayo radicado en China aseguró que en las últimas semanas algunos productos vacunos se han desvalorizado hasta en US\$ 1.500 por tonelada.

En el último año, China, como comprador de carne vacuna, ha dado señales que el mundo no se esperaba. En primera instancia, la aparición de la fiebre porcina africana desató una feroz demanda de productos cárnicos y generó una suba muy importante de valores.

Posteriormente, y ya hablando en las últimas semanas, los altos precios del producto obligó a las autoridades chinas a tomar medidas para ajustar las cotizaciones, y eso provocó que muchos importadores tomen medidas ante negocios anteriormente cerrados a valores elevados, como por ejemplo no respetar los contratos.

El broker de carnes uruguayo radicado en China y director de la empresa Casti Trading, Daniel Castiglioni, comentó a Rurales El País que “hay una abrupta caída de precios de la carne vacuna, de hasta US\$ 1.500 por tonelada, desde hace un mes a la fecha”.

“Es algo histórico, nunca hubo una caída de ese nivel. Hay empresas importadoras que han perdido mucho dinero”, señaló Castiglioni y sumó: “Hoy nos piden que los ayudemos con los contratos que están comprados caros, esa es la principal preocupación de los compradores asiáticos, quieren salir lo mejor parado posible”.

El empresario dijo que en las últimas semanas se ha enfocado a “cumplir con los compromisos anteriores”, dado que “las bajas de contratos son un hecho”. En ese sentido explicó que “está muy difícil la cobranza y cumplir contratos de negocios viejos”.

Teniendo en cuenta el nuevo escenario, Castiglioni adelantó que empresas de gran porte y con años en la importación de carne vacuna “se han ido a la quiebra” y “se vieron obligadas a rematar los contenedores”, al igual que muchas compañías pequeñas y con falta de experiencia que surgieron beneficiados por el boom del mercado.

La caída de los valores responde a una estrategia definida por las autoridades asiáticas que consta de tres medidas: la apertura de Hong Kong para el ingreso de carne por el canal gris, no otorgar más créditos a las empresas estatales para que las privadas compren el producto y volcar carne de cerdo y vacuno de las reservas públicas; hace dos semanas se liberaron al mercado 40 mil toneladas.

Castiglioni estimó que superado el año nuevo chino los precios se podrían regular, sin embargo dijo que “se empezaron a concretar negocios a valores muy bajos”, buscando que “no signifiquen un riesgo para los importadores asiáticos”.



"La exportación de ganado en pie puso en jaque a la industria", dijo CEO de Athena Foods

09/01/2020 - Ignacio Gamio, principal de Athena Foods en Uruguay, empresa que perdió US\$ 20 millones en 2019, dijo que los resultados económicos "no son novedad", sino que "corrobora" lo anunciado por los frigoríficos años atrás.

Athena Foods, empresa de la multinacional brasileña Minerva, perdió US\$ 20 millones en Uruguay durante los primeros nueve meses del año 2019, según el balance de la compañía que fue difundido por El Observador y confirmado por Rurales El País.

El CEO de la empresa en Uruguay, Ignacio Gamio, aseguró a Rurales El País que el resultado "no es una novedad para nadie" y explicó que "desde el año 2017 los números de las industrias en el país comenzaron a ser malos, en 2018 se profundizó y en 2019 la performance fue muy mala".

Desde hace algunos años los gremios de la industria frigorífica han alertado por la "pérdida de competitividad" en Uruguay, y "hoy está pasando factura a las empresas que no logran desarrollo". Y agregó: "Las soluciones no han estado y se prendieron luces rojas, es corroborar lo anunciado tiempo atrás".

El Ejecutivo de Athena Foods también se refirió a la escasa oferta de ganado gordo que generó una suba destacada del precio de la hacienda, el costo más importante de los frigoríficos. "Sabemos cuáles son las causas, acumulamos varios años de exportación de ganado en pie y esos volúmenes han puesto en jaque los resultados de las industrias", destacó y sugirió: "Es un tema muy grave que el país lo debe discutir".

Athena Foods cuenta con tres plantas frigoríficas en Uruguay, PUL, Carrasco y Canelones; que representan el 17,3% del total de la faena anual con 387.544 animales procesados. Gamio confirmó que Frigorífico Canelones permanecerá sin actividad hasta febrero (no faena desde octubre), mientras PUL comenzó ayer la actividad y Carrasco lo hará el lunes.

Pese a eso, el Ejecutivo aseguró que la empresa mantiene su política de "no achicar" la posición en Uruguay. "Lo que está sucediendo es coyuntural y no estructural, el país va a tener un cambio y Athena se está preparando para cuando eso suceda", sumó.

Importaciones de carne vacuna se duplicaron en 2019

09 de enero de 2020

Las compras de carne vacuna crecieron por sexto año consecutivo y alcanzaron un récord que superó las 30.000 toneladas peso producto en 2019. Impulsadas por el fuerte diferencial que tiene el precio del ganado en Uruguay respecto a la región. En los últimos dos meses el volumen de compra se redujo debido al incremento de precios en Brasil.

Totalizaron 30.925 toneladas, el doble que las 15.432 importadas en 2018. El importe pago por estas compras fue de US\$ 120 millones, contra US\$ 59 millones el año anterior, según los datos de la Dirección Nacional de Aduanas.

El precio se mantiene muy similar al de un año atrás. La tonelada importada de carne enfriada –que es mayoritaria- promedió US\$ 4.072 (\$ 153 el kilo con el dólar de noviembre a casi \$ 38), un 57% menos que el precio de exportación de la carne vacuna enfriada (US\$ 9.367 la tonelada peso embarque).

La carne viene mayoritariamente de Brasil (89%), aunque también algo de Paraguay (10%) y Argentina (1%).

En diciembre las compras de carne bajaron por segundo mes consecutivo, fundamentalmente por el aumento del precio del novillo gordo en Brasil. Se importaron 3.344 toneladas peso de embarque, 12% menos que las 3.820 toneladas de octubre y casi el triple que las 1.274 de diciembre del año anterior.

El precio de compra subió en diciembre respecto al mes anterior, de US\$ 3.836 a US\$ 4.435 la tonelada (el mayor en cinco años) también como consecuencia del aumento de precios en Brasil.

Precio de carne importada en el abasto se estabiliza

03/01/2020 - Se desacelera demanda de China y baja precio del ganado.

Los precios de la carne bovina en Brasil tienden a estabilizarse a la baja, lo que beneficiará al abasto uruguayo, donde el 95% de la carne que se vende en carnicerías y grandes superficies, son pulpas sin hueso y envasadas al vacío que se importan de Rio Grande do Sul y en menor volumen, desde otros estados brasileños con fuerte producción.

"Los precios por tonelada que manejaron los frigoríficos brasileños exportadores fueron muy buenos en octubre y noviembre, pero luego subieron un disparate en diciembre de 2019, impulsados por la demanda de China. Ahora quedaron mucho más baratos que a fines del año pasado, pero no llegaron a los valores de antes de la suba", explicó a El País Jorge López, director de Abasto Santa Clara.

Comparando los cuatro cortes de la rueda, en octubre y noviembre de 2019 eran ofrecidos a los importadores uruguayos a entre US\$ 4.600 y US\$ 4.700 la tonelada. Posteriormente, por efecto del crecimiento de la demanda de China, impulsada por el faltante de cerdo generado por la peste porcina



africana, los precios se dispararon a US\$ 6.000 por tonelada y hoy valen entre US\$ 5.200 y US\$ 5.300 por tonelada.

El precio del novillo gordo en Brasil cayó 15% en diciembre de 2019, según confirmó el Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento (MAPA). A fines de diciembre la arroba de carne costaba 180 reales, pero a comienzos de ese mismo mes valía 216 reales.

“Se está viendo un reacomodo de los precios a nivel mayorista con reflejos positivos en el corto plazo a nivel de comercios”, sostuvo ayer en Brasil el director del Departamento de Comercialización y Abastecimiento del MAPA, Silvio Farnese, analizando el mercado interno brasileño. Esa misma tendencia estiman los importadores uruguayos se dará en el mercado local.

La buena noticia es que Brasil está mostrando buena disponibilidad de carne bovina, pues al igual que Uruguay, enfrenta una desaceleración de la demanda desde China. En caso de Uruguay, algunos importadores chinos están intentando renegociar sus contratos a menores valores que los venían pagando hasta ahora.

“El precio del ganado gordo en Uruguay también está bajando”, recordó López y eso es fiel reflejo de esa desaceleración que en los últimos meses del año pasado hizo subir los valores de la hacienda preparada hasta marcar un récord histórico (más de US\$ 4,20 por kilo para el novillo gordo).

“Los dos o tres primeros meses del año, estimo que en el mercado interno habrá bastante carne uruguaya al mismo precio que la brasileña, luego cuando empiece a faltar ganado en Uruguay, el precio va a volver a subir”, estimó el director de Abasto Santa Clara.

La baja de la carne en el mercado interno se mantendría hasta los meses de invierno, cuando empiece nuevamente la falta ganado gordo y seguramente China comprará pero no hará locuras, buscando evitar una nueva disparada de precios. “Creo que desde el segundo trimestre del 2020 para adelante, la importación de carne bovina desde Brasil va a tener la misma fuerza que tuvo sobre el último semestre del año pasado”, estimó López. En 2019 el ingreso de carne vacuna importada marcó otro récord.

PARAGUAY

Precio de la carne cayó 1,6%

10 de enero de 2020 - El precio pagado en promedio por la carne paraguaya en el mercado internacional durante 2019 fue 1,6% menos en comparación con la media del año 2018, según el análisis divulgado ayer por el titular del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín.

Durante el 2019, la media pagada por las exportaciones de 248.316 toneladas de carne fue de US\$ 4.147 por tonelada, contra el precio de US\$ 4.212 por tonelada de 2018, año en que se enviaron en total 260.727 toneladas.

Sobre el precio pagado por el novillo en los frigoríficos, se informó que en el 2019 empezó con US\$ 2,90/kg, y fue variando la cotización durante los meses hasta descender en US\$ 2,60/kg en agosto; luego se recuperó hasta una media de US\$ 2,88/kg en el mes de diciembre.

En el 2018, el precio del novillo empezó en US\$ 3,30/kg, en junio descendió a US\$ 2,95/kg y terminó en US\$ 3/kg en diciembre de ese año.

Brasil fue el mercado que más pagó por la carne vacuna paraguaya

06/01/2020 - Brasil fue el mercado que más pagó por la carne vacuna de Paraguay, dentro de los cinco principales compradores del 2019, de acuerdo a la información del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

Los negocios con el país vecino se cerraron a un promedio de US\$ 5.151 por tonelada peso embarque. Según explicaron fuentes, la referencia se debe al envío de cortes de alto valor como la picaña.

En segundo lugar se posicionó Israel con US\$ 5.097 por tonelada peso embarque, tercero Taiwán (US\$ 4.423), cuarto Chile (US\$ 4.407) y quinto Rusia (US\$ 3.302).

El promedio de los principales cinco destinos fue de US\$ 4.470 por tonelada peso embarque.

Sin embargo, el promedio general anual se ubicó en US\$ 4.138 por tonelada, el peor registro desde 2016, cuando sumó US\$ 3.965. En 2018 alcanzó los US\$ 4.233 y en 2017 los US\$ 4.268.

El mayor valor medio de la última década se experimentó en 2011 con US\$ 5.301 por tonelada, seguido por 2013 con US\$ 5.111.

Uruguay. De acuerdo a los datos del Senacsa, Uruguay importó de Paraguay 2.738,26 toneladas de carne vacuna peso embarque a un valor promedio de US\$ 4.217 por tonelada, una cifra total de US\$ 11,5 millones.

Faena se redujo un 5 por ciento

03 de enero de 2020 - 01:00



El faenamiento de bovinos durante 2019 disminuyó 105.858 cabezas respecto al 2018, lo que representa un 5,5%, mientras que la exportación de carne vacuna mermó un 4% en toneladas y 6% en valores, según el informe anual difundido ayer por el Senacsa.

Durante el periodo 2019 fueron faenados 1.791.079 ejemplares bovinos, lo que representa una caída de 5,5% respecto a los 1.896.937 del año 2018, acorde con el informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), difundido ayer.

En otro orden, las exportaciones de carne vacuna durante el 2019 alcanzaron las 247.167 toneladas, con un valor global de US\$ 1.022,9 millones, cifras que muestran una caída de 4% en volumen y 6% en divisas.

El titular de Senacsa, José Carlos Martín, dijo que en el presente periodo se esperan mejores condiciones, por lo que se podrán revertir las mermas registradas. Explicó que aproximadamente el 80% de la caída fue a causa del incendio que sufrió la industria Frigochorti.

Productos en general

En forma general, incluyendo todos los productos y subproductos de origen animal, carne y menudencias bovinas, carne, menudencias y despojos porcinos, carne aviar con sus menudencias y despojos, así como también subproductos comestibles y no comestibles, las exportaciones pecuarias durante los 12 meses del 2019 totalizaron un volumen de 467.866 toneladas, por valor de US\$ 1.293 millones, que representan disminuciones del 1,3% en toneladas y del 6,6% en dólares, en comparación con el año 2018.

En relación a los mercados, Senacsa detalla que el año pasado Paraguay envió carne bovina a 42 destinos. En orden de importancia respecto al ingresos de divisas, en el 2019 se destacaron Chile (37%), con 84.774,5 toneladas y US\$ 373,6 millones; Rusia (28%), con 87.765,8 ton. y US\$ 289,8 millones; Israel (10%), con 20.404,8 ton. y US\$ 104 millones; Brasil (7%), con 14.640,2 ton. y US\$ 74,9 millones; y Taiwán (7%), con 16.588,9 ton. y US\$ 73,3 millones.

Ranking de razas bovinas

Por otra parte, acorde con los datos de la certificadora Control Union, sobre la cifra de 1.600.370 bovinos faenados controlados durante el 2019, unas 716.797 cabezas (44%) corresponde a la raza Nelore; le sigue la Brangus, con 618.267 (38%); Brahman, con 188.713 cabezas (11,7%) y Braford con 76.593 cabezas, un (4,7%).

Pronostican mejor año para envíos de carne

07 de enero de 2020 - Hay una interesante demanda en el mercado de la carne, y el precio posiblemente se ubique por encima del promedio del año pasado, según el pronóstico del presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Korni Pauls. Además, informó ayer que varios frigoríficos volvieron ayer a la actividad normal, aunque algunos enviaron a sus empleados de vacaciones hasta el lunes 13.

Agregó que desde el jueves próximo el Frigorífico Guaraní retomará la faena Kosher, con la que suman seis las industrias que poseen la infraestructura especial y el permiso para exportar al mercado de Israel.

"El lunes 20 del presente mes arrancará el primer periodo de vacunación antiaftosa, que siempre trae aparejadas restricciones en el desplazamiento de animales y, por ende, dificulta, como mínimo por dos semanas, el ritmo normal de faena en los frigoríficos", expresó.

Destacó que Chile, el mercado más importante y tradicional de la carne paraguaya, de a poco vuelve a consultar por compras y envíos de carne para la segunda quincena de enero y para febrero. Sin embargo, contrapuso que Chile está ofreciendo precios por debajo de lo acordado para las fiestas de Navidad y Año Nuevo. El motivo es que frigoríficos del Brasil, después de sus aventuras con China continental, vuelven a incursionar en dicho mercado. "Independientemente de este aspecto, lo bueno es que hay interesante demanda y el precio seguramente estará por encima del promedio del año pasado", acotó.

Pretenden vacunar unos 14 millones de bovinos

04 de enero de 2020 - La meta del primer periodo de vacunación contra la fiebre aftosa del año 2020 es inmunizar unos 14 millones de ejemplares bovinos en todo el territorio nacional, a partir del 20 del corriente mes hasta el 28 de febrero, según informó ayer el titular del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. José Carlos Martín. Detalló que la campaña de inmunización incluye también a la brucelosis bovina y que el registro se extenderá hasta el 13 de marzo del corriente.

"La vacunación es una acción estratégica de vital importancia para proteger a los bovinos contra las enfermedades de la fiebre aftosa y la brucelosis, y así mantener los altos estándares sanitarios de la pecuaria nacional", expresó.

Detalló que la resolución 1667/2019, del Senacsa, establece la vacunación contra la fiebre aftosa para hacienda general (bovinos y bubalinos).

Y, paralelamente, la resolución 1668/2019, del Senacsa dispone la vacunación contra brucelosis bovina para la categoría terneras carimbo 0.



Añadió que la meta es vacunar la totalidad de animales de la categoría conforme a la población declarada en el Sistema Informático SIGOR III al inicio de la vacunación. Según los datos, la inmunización deberá ser realizada con vacuna antibrucélica Cepa 19, para la categoría terneras entre 3 y 8 meses. Por otra parte, el Senacsa informó que por decreto 3.182/19, se suspende hasta el 30 de junio de este año el pago a cuenta del Iragro, de G. 15.000 por ganado en pie, al momento de la enajenación.

UNIÓN EUROPEA

En octubre de 2019 la UE triplicó sus exportaciones de carne de cerdo a China

07/01/2020 El crecimiento interanual de las exportaciones de carne de cerdo de la UE, que ha sido evidente a lo largo de 2019, continuó en octubre, según los datos de AHDB. La cantidad exportada solo en el mes de octubre creció en un 41% sobre 2018, ascendiendo a 296.000 t. Las exportaciones a China se triplicaron lo que compensó la caída en ventas registrada en otros muchos países.

De enero a octubre de 2019 la UE ha exportado 2,16 millones de t de carne de cerdo, un 22% y China es el gran comprador europeo.

En el caso de los despojos, en octubre fueron un 11% superiores a las de octubre de 2018 alcanzando las 130.000 t. China es la gran responsable del incremento ya que importó un 33% más y, al igual que con la carne de cerdo, bajaron las ventas al resto de destinos.

De enero a octubre la UE lleva ya exportados 1,13 millones de t de subproductos de porcino, un 10% más.

El gobierno holandés inspeccionará las empresas de trabajo temporal que ofrecen sus servicios a las industrias cárnica

07/01/2020 La Inspección Laboral de Países Bajos (SZW), una división del Ministerio de Asuntos Sociales y Empleo, dijo que planea inspeccionar las agencias de empleo con las que trabajan las industrias cárnica del país para verificar las condiciones de los trabajadores en cuanto al pago de sus honorarios, la contratación de trabajadores extranjeros así como el cumplimiento de la legislación de su labor como agencias de empleo.

El anuncio se produjo como parte de un informe más amplio en el que la SZW descubrió que cinco procesadores de carne en Amsterdam estaban violando las prácticas de trabajo. Por estas razones una de las empresas fue ya multada con anterioridad con 28.000 euros.

Según la Inspección SZW, las violaciones iban desde la falta de ropa de protección obligatoria hasta la ausencia de las partes de protección de los trabajadores en las máquinas e incluso en algunas de ellas falló el botón de paro de emergencia. La agencia informó que, en total, se emitieron 14 advertencias por prácticas laborales inseguras.

Durante la inspección preguntó a más de 80 trabajadores tanto de las firmas cárnica como de las agencias de empleo. "En algunas empresas, la Inspección sospecha que hay pagos insuficientes, pagos en efectivo no autorizados y probablemente también deducciones ilegales de los salarios", según el informe. "En algunos procesadores de carne, el tiempo de registro fue insuficiente o totalmente ausente. Por lo tanto, la Inspección sospecha que los empleados trabajan horas excesivas".

ESTADOS UNIDOS

Menor ritmo exportador en diciembre de 2019

06 January 2020 US - USDA released on Friday morning its latest update on US beef and pork export shipments and sales. While the numbers were somewhat disappointing, keep in mind that exports usually slow down during holiday weeks. We will need to wait until production normalizes to fully understand export flows, writes Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Export shipments at 12,633 MT were relatively low, even for a holiday shortened week. Beef export shipments in December have consistently tracked under year ago levels. There is some hope that the lowering of tariffs in Japan will result in higher exports to that market.

However, net sales so far have been underwhelming. For the latest week combined net sales were just 3,435 MT. Net sales to South Korea, another key market, were even lower at just 442 MT. Still, outstanding beef sales for delivery in the current and new marketing year were 149,201 MT, 17 percent higher than a year ago.

Hong Kong has been cancelling loads fairly consistently so it is not clear whether the larger volume currently on the books will actually delivery. Export trade with Hong Kong was a major disappointment for much of 2019. It remains to be seen if the signing of the new trade deal with China will bring some improvement on that front.



Flaquean los márgenes del sector frigorífico

09 January 2020 US - Large beef packer margins evaporated in December after recording highs earlier in 2019, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

The Livestock Marketing Information Center (LMIC) calculates the gross margin for packers based on the live to cutout spread (including by-products) per 1000 lbs. of steer. Using this calculation, August was the highest gross margin on record, with data going back to 1987.

August posted \$491.57 per 1000 lbs. of steer, and would see two of the following four months post gross margins over \$400 per 1000 lbs. of steer. Over the last 10 years, the average monthly gross margin calculates to \$168.86, only a third of the value of August's figure.

The principle driver to the aggressive slide in the gross margin has been the rally in fed cattle prices. The LMIC uses a live price from Western Kansas that posted a December average of \$119.97 per cwt, a \$4 per cwt increase from the previous month.

Since August the live steer price has risen over \$14 per cwt. Also, working against packer margins in December was a notable decrease in choice boxed beef cutout value. The second half of 2019 was extremely volatile for the cutout value, producing two large price spikes 12 weeks apart. December however, hit a low point of \$217.24 per cwt. The lowest monthly boxed beef average since July 2019.

Several factors have moved the cutout in the last six months of 2019. The first was the Tyson fire, which caught retailers and restaurants short only a few weeks before Labor day, the last big grilling holidays of the year.

The second spike likely had both demand and supply components. As boxed beef prices fell after the initial Tyson fire shock, those purchasing wholesale beef had a great deal of uncertainty regarding prices which likely lent to delayed purchasing for the holiday season.

The demand this holiday season was also stronger than they expected causing a short term scramble to fill needs. Those components affected largely more expensive holiday cuts. But, lower value cuts and ground beef experienced unique situations during this time period as well.

US imports of Australian beef pulled back 7 percent year-over-year in October, a 4.5 million pound (carcass weight) reduction. This raised 90 percent lean trimming prices and meat packers ground mostly rounds, and some chuck primal cuts to compensate for lower lean imports. This also explains the strength in those primal values which underpinned cutout gains in the second price spike.

AUSTRALIA

MLA ofrece información y servicios para los productores ganaderos ante los incidentes

MLA managing director Jason Strong, January 8, 2020

IT has been a devastating start to 2020 for many red meat and livestock producers.

We have witnessed catastrophic bushfires roar through millions of hectares of rural and regional Australia, much of it farm land. The number of people and animals affected, plus the amount of infrastructure and vegetation destroyed is unprecedented.

MLA managing director Jason Strong

The thoughts of everyone at MLA – some of who have been directly impacted – are with those who have lost loved ones, property, land and livestock.

While we are still in the tight grip of this crisis, it is becoming increasingly clear how challenging the recovery process will be – as those who have lost everything start to look at what the future may hold.

MLA is here to support producers in any way we can. Currently the focus is rightly on helping those producers who are needing immediate assistance, with MLA in close contact with the Department of Agriculture, State government, Peak Industry Councils, State Farming Organisations and livestock producers on the ground.

Impacto a la ganadería

The extent of the full impact to livestock is unknown and will take time to understand.

What we do know is that there are close to 80,000 property identification codes in the main affected regions.

Our latest information is that 9% of the national cattle herd live in regions that have been significantly impacted and a further 11% in regions partially impacted.

For sheep, 13% of the national flock live in regions that have been significantly impacted and a further 17% in regions partially impacted.

Over the coming days, MLA will be working with the various state bodies to gain a more accurate picture of livestock numbers affected.

If possible, reporting of stock losses to the relevant state department is encouraged, to help authorities assess the extent of the damage and determine what assistance will be required for recovery.



MLA's wholly owned subsidiary, Integrity Systems Company (ISC), is working behind the scenes to remove any non-essential regulatory requirements for affected producers related to the Livestock Production Assurance (LPA) program.

For producers in the affected areas that have been contacted recently to complete their LPA accreditation renewal process, this has now been deferred until further notice. Any upcoming LPA audits scheduled for the affected region will also be held off until a future date.

Please get in touch with the ISC Helpdesk via 1800 683 111 or support@integritysystems.com.au if you have any questions.

You will also see below that we have prepared a detailed list of useful information and key contacts. At the very top of this list is a link to the National Farmers Federation Farm Hub page that contains important information on mental health resources.

Please utilise this information and keep a close eye on family and friends. This is an extremely challenging time for many producers and we must do everything we can to help each other through it. Our thoughts and best wishes are with everyone impacted.

El 9% del rodeo vacuno australiano se ubica en regiones afectadas por los incendios

09 de enero de 2020 El 9% del stock vacuno de Australia se ubica en regiones significativamente afectadas por los incendios que castigan a ese país y otro 11% en regiones parcialmente afectadas, informó este martes Meat and Livestock Australia en base a sus últimos relevamientos.

En el caso de los ovinos, el 13% del stock nacional se ubica en muy afectadas y otro 17% en regiones parcialmente afectadas. Aún se desconoce el alcance del impacto total en rodeo vacuno australiano y tomará tiempo dimensionarlo.

"Lo que sí sabemos es que hay cerca de 80.000 códigos de identificación de propiedades en las principales regiones afectadas", apuntó MLA, entidad que se encuentra trabajando con diversos organismos estatales para obtener datos más precisos de números de ganado afectado.

Desde el Ministerio de Agricultura aumenta el temor sobre las posibles pérdidas asociadas a los incendios, que podría superar las 100.000 cabezas a medida que se contabilicen los impactos por establecimiento.

"En los incendios del sur de Australia, en las colinas de Adelaida, habría habido un poco más de 3.000 vacunos muertos como resultado de los incendios directamente, y en las semanas posteriores hemos visto que el ganado moría debido al estrés por calor y la inhalación de humo", señaló la Ministra Federal de Agricultura, Bridget McKenzie, informó el medio Australiano ABC.

China superó a JAPÓN y ESTADOS UNIDOS como primer destino de las exportaciones de carnes bovinas

Jon Condon, January 8, 2020 CHINA'S recent dominance as the world's largest beef customer has been underlined by 2019 Australian calendar year export statistics released this week, which have seen the Asian giant sweep past traditional customers Japan and the US as our largest beef export destination.

The historic milestone breaks a 50-year sequence where either Japan or the US stood as Australia's biggest beef customer each year, when measured by volume.

China finished 2019 accounting for 300,132 tonnes of Australian beef, more than 90 percent of which was frozen.

While Australia has witnessed dramatic growth in trade to China this year, the trend is nowhere near as acute as it is in other beef exporting countries. For the full calendar year, China has accounted for 24.4pc of all Australian beef exports. Compare this with more than 55pc of New Zealand beef exports over the same period, and more than 26pc of Brazilian beef exports in recent monthly data.

China was already a substantial growth market for Australian beef this time last year, but it was the discovery of African Swine Fever in the nation's pig herd, leading to a dramatic decline in domestic pork production and an animal protein deficit now estimated at ten million tonnes, which has fuelled China's dramatic rise in demand for beef, lamb and all other imported proteins during 2019.

China finished the year with record monthly exports for December of 34,291 tonnes, despite the fact that much of that meat would not be cleared through Customs in time for Chinese New Year activity towards the end of January.

Drought impact on export volume

On the back of the boom in trade to China, overall Australian beef and veal exports to all destinations last year reached 1.229 million tonnes – the third largest figure on record, exceeded only by the record shipment years of 2014 and 2015 which both went close to 1.3 million tonnes, as the national beef herd grew past 29 million head.

Last year's beef export tonnage was up 8.7pc on the previous 2018 year. Much of that was driven by drought-forced cattle turnoff. During the final seven months of the year, Australia's female kill reached



record levels averaging 57.3pc of total slaughterings. No previous drought had exceeded 55.3pc let alone having seven months continuously exceeding that level of kill.

The impact on the Australian herd has been dramatic, with the herd size expected to be around 24.5 million head by mid-2020, reaching a new 30-year low. This impact will take years to recover from, and will challenge Australia's ability to service eager export customers for the first part of the new decade.

While China, alone, accounted for the largest portion of last year's export volume growth, some other large markets also grew.

Second largest market Japan finished the year with 287,495 tonnes of Australian beef, about 28,000t or 9pc lower than the previous year.

Third largest market the United States accounted for 251,821 tonnes of Australian beef, about 20,000t or 8.6pc higher than the year before.

Trade with South Korea continued at a steady pace last year, with total shipments reaching 162,343t, down 4.7pc on the year before.

Among second-tier and emerging markets, Indonesia imported 57,637t of Australian beef last year, a 1pc increase on the year before, while Taiwan took 28,241t of beef, 4pc lower than in 2018.

The combined Middle East region continued to come under competitive pressure from other exporters like Brazil, taking 31,243t of Australian beef last year, up about 2500t or 9pc on the previous year.

Trade with the European Union continued to struggle, with shipments last year reaching 13,996t, down about 10pc on the previous year.

EMPRESARIAS

Peste porcina favoreció crecimiento de facturación de grupo Cargill

08/01/2020 En el segundo trimestre fiscal de 2019 tuvo una ganancia neta superó US\$ 1.000 millones.

Los brotes de peste porcina africana en Asia ayudaron a la empresa Cargill a crecer en su facturación. La firma es una de las mayores operadoras en el ámbito de cereales, ganado y carne a nivel mundial.

La compañía presentó los resultados económicos de su segundo trimestre fiscal 2019 y en ese período su ganancia neta ajustada superó los US\$ 1.000 millones, un 19% más que en el mismo trimestre del período del año anterior, según destacó el portal Eurocarne.

La facturación por ventas en el período mencionado llegó a US\$ 29.200 millones, un 4% más. Según el presidente y director ejecutivo de Cargill, David MacLennan, "las recientes adquisiciones y ampliaciones de producción nos están ayudando a continuar mejorando nuestro desempeño". Ejemplos de compras recientes son la adquisición de la polaca Konspol y la colombiana Campollo.

Si bien los resultados mejoraron en su negocio de nutrición y proteínas animales, debido fundamentalmente a la mayor demanda de los países asiáticos por la peste porcina africana y su segmento de servicios industriales y financieros, disminuyeron en el negocio de ingredientes y aplicaciones de alimentos. También cayeron en el origen y procesamiento, que alberga un negocio de comercio de granos de alto volumen, informó Cargill.

McDonald's lanzó en Brasil la Picanha ClubHouse

This post was last modified on 8 de janeiro de 2020 O Picanha ClubHouse traz os principais elementos do primeiro sanduíche da linha Signature, o ClubHouse, que foi lançado há quatro anos e se tornou um dos mais vendidos do McDonald's. A nova versão traz uma combinação de pão brioche, o famoso molho especial, alface crespa, tomate, bacon, queijo emental, um ou dois hambúrgueres de picanha, cebola caramelizada e molho de picanha.

Com a chegada do Picanha ClubHouse, todos os sanduíches de picanha, passam a ser opções fixas no cardápio, substituindo a Linha Signature. Além do Picanha ClubHouse (versão com um ou dois hambúrgueres), a linha ainda conta com Picanha Cheddar Bacon, McPicanha e Picanha Bacon Crispy.

A aposta é baseada em contato próximo e pesquisa com os consumidores. No último ano, a marca direcionou grande parte de seus esforços de marketing para trazer produtos com forte apelo sensorial. E a picanha, corte muito valorizado pelos brasileiros, se mostrou o ingrediente perfeito para criar essa conexão com o público.

Marfrig prepara lanzamiento de carne de cerdo vegetal en Brasil

Fonte: Xp Investimentos. 09/01/20 A Marfrig já está em fase avançada de desenvolvimento para colocar no mercado brasileiro a sua versão da carne de porco vegana. Segundo executivos, a empresa já tem um protótipo aprovado internamente, faltam só ajustes comerciais para lançar o produto, ainda sem data definida;



Vale lembrar que o projeto de carne bovina vegetal da Marfrig foi lançado no Brasil em agosto. Em seguida, entrou na rede Burger King no país e, no final do ano, as primeiras levas do hambúrguer vegano foram enviadas para China e Uruguai, com a marca Revolution;

Já a Seara, da JBS, produz um hambúrguer e empanados de carne de frango vegetal, mas diz que ainda não tem previsão para a carne suína vegana.

Wesley Batista Hijo presidirá Seara

Fonte: Valor Economico. 09/01/20 Wesley Batista Filho assumirá a presidência da Seara, divisão da JBS que reúne os negócios de aves, suínos e alimentos processados do grupo no Brasil. O filho de Wesley Batista, um dos controladores da JBS, vai substituir Joanita Karoleski, que vai se dedicar a projetos pessoais na área social. A mudança foi comunicada ontem aos funcionários da companhia.

Em dezembro, como informou o Valor, a JBS, que fatura cerca de R\$ 200 bilhões por ano com suas operações de proteínas animais no país e no exterior, anunciou um plano de investimentos de R\$ 8 bilhões no Brasil nos próximos cinco anos que poderá dobrar o tamanho da Seara. Grande parte do montante será aplicado na expansão de unidades que a Seara já possui, além da construção de fábricas de ração e de incubatórios. Uma parte menor será utilizada em outras áreas, como carne bovina.

Na estratégia traçada pela JBS, a ampliação da capacidade de abate da Seara será acompanhada pelos integrados que criam aves e suínos, que deverão investir outros R\$ 5 bilhões até 2024. Quando a ampliação das fábricas e dos integrados estiver concluída, estima-se que a Seara terá capacidade para dobrar de tamanho.

Se isso de fato acontecer, a Seara poderá faturar R\$ 40 bilhões ao ano. No período de 12 meses encerrados em setembro, a receita líquida da divisão foi de R\$ 19,2 bilhões. Conforme a JBS, a expansão criará 25 mil empregos diretos e, potencialmente, 100 mil vagas indiretas. Atualmente, a Seara emprega 75 mil funcionários.

Athena Foods registró perdidas por US\$ 20 millones

10/01/2020 A Athena Foods, empresa da multinacional brasileira Minerva, perdeu US \$ 20 milhões no Uruguai durante os primeiros nove meses de 2019, de acordo com o balanço da empresa.

O CEO da empresa no Uruguai, Ignacio Gamio, garantiu que o resultado "não é novidade para ninguém" e explicou que "a partir de 2017 o número das indústrias do país começou a ser ruim, em 2018 aprofundou e em 2019 o desempenho foi muito ruim."

Por alguns anos, as associações do setor frigorífico alertam para a "perda de competitividade" no Uruguai e "hoje está afetando empresas que não alcançam desenvolvimento". Ele acrescentou: "As soluções não funcionaram e as luzes vermelhas estavam acesas, está corroborando o que foi anunciado há muito tempo".

O executivo da Athena Foods também se referiu à oferta limitada de gado gordo, que gerou um forte aumento no preço do gado, o custo mais importante dos frigoríficos. "Sabemos quais são as causas, acumulamos vários anos de exportação de gado vivo e esses volumes puseram em cheque os resultados das indústrias", disse ele e sugerindo: "É uma questão muito séria que o país deve discutir".

A Athena Foods possui três plantas frigoríficas no Uruguai, Pul, Carrasco e Canelones; representando 17,3% do total anual de abate, com 387.544 animais processados. Gamio confirmou que o Frigorífico Canelones permanecerá sem atividade até fevereiro (não funciona desde outubro), enquanto a PUL iniciou a atividade ontem e Carrasco fará na segunda-feira.

Apesar disso, o executivo garantiu que a empresa mantém sua política de "não encolher" a posição no Uruguai. "O que está acontecendo é temporário e não estrutural, o país terá uma mudança e Athena está se preparando para quando isso acontecer", acrescentou.